

40º Encontro Anual da Anpocs-
24 a 28 de outubro de 2016 Hotel Gloria- Caxambu-MG

**Seminário Temático - ST28 - Relações raciais: desigualdades,
identidades e políticas públicas**

**Estratégias de ascensão social entre jovens universitários
afro-brasileiros e afro-americanos**

Sonia Maria Giacomini*
Bruno Costa Larrubia**

*Professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio.

**Doutor em Ciências Sociais pela PUC-Rio.

Estratégias de ascensão social entre jovens universitários afro-brasileiros e afro-americanos

Sonia Maria Giacomini(PUC-Rio)
Bruno Costa Larrubia(PUC-Rio)

I- Introdução

O objetivo do presente trabalho é investigar como dois grupos de jovens afrodescendentes, que buscaram no ensino superior um mecanismo eficiente de ascensão social, elaboram e avaliam seus projetos coletivos e individuais¹ e suas trajetórias de vida.² Seguindo algumas recorrências apontadas pelos estudos de mobilidade social no Brasil e nos Estados Unidos, que indicam a relevância da dimensão geracional nos processos ascensionais, foram selecionados jovens negros que constituem a primeira geração de bacharéis em suas famílias. Nas trajetórias investigadas, o corpo, ou melhor, as mudanças corporais que acompanharam tais percursos e que incorrem no que poderia ser pensado como uma “burocratização do corpo”, se revelaram particularmente significativas como chaves interpretativas. Na configuração de um ethos social que tem na ascensão social um valor central, a corporificação de certos sinais de distinção social atualiza a constituição de um *habitus* associado ao sucesso e ao prestígio social e acompanha as diversas etapas do processo. Através da investigação etnográfica junto a dois pequenos grupos de jovens afrodescendentes universitários no Brasil e nos Estados Unidos foi possível problematizar a predominância de certos comportamentos de assimilação, como o branqueamento e o *action White*, como vias principais ou exclusivas nos processos de ascensão social. Perseguindo na investigação etnográfica os

¹ O projeto é uma conduta organizada para atingir finalidades específicas, uma ação com objetivo determinado (Schultz, 1979). A noção de “projeto no nível individual lida com a performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade” (Velho, 2003, p.28)

² Vários estudos sobre elites negras tem chamado a atenção para as transformações corporais e estéticas, assim como do gosto, que acompanham processos de ascensão social ou de procura de reconhecimento de posições sociais conquistadas, entre eles, Giacomini (2006).

significados, sentidos e valores que constroem as narrativas sobre as trajetórias de vida e projetos ascensionais, foi analisada a combinação particular de fatores culturais, como as concepções de raça e de classe, que tem no corpo seu lócus privilegiado de análise. Investigou-se, em última instância, como o projeto ascensional encontra-se ligado, de forma especial, a duas dinâmicas, a do englobamento e a do individualismo³.

Através da investigação etnográfica centrada nos projetos ascensionais e sua correlação com a dinâmica do englobamento e do individualismo foi possível avaliar a importância crucial do grupo familiar. Da mesma forma pode-se identificar o peso e relevância relativos de outras instituições como instâncias de referência nas trajetórias de vida.

O conjunto dos jovens universitários afrodescendentes investigados foram selecionados em cada uma das duas universidades, a PUC-Rio no Brasil e a *Morgan State University* (MSU), em Baltimore nos Estados Unidos. Eram portanto moradores de dois grandes centros urbanos onde se localizam essas universidades, possuindo assim características condicionadas a este pertencimento social. Cronologicamente, cinco estudantes afro-brasileiros foram entrevistados na primeira fase de pesquisa etnográfica, todos na PUC-Rio. O contato com os estudantes brasileiros foi realizado por meios informais e indicações entre os próprios alunos. Posteriormente, durante a realização do doutorado sanduíche na MSU, foram feitas 13 entrevistas com estudantes afro-americanos. Na universidade norte-americana o processo de contato e adesão às entrevistas passou pela via institucional, tendo sido estabelecido contato com os diversos escritórios de apoio ao corpo discente. Todo o campo etnográfico – tanto no Brasil quanto nos EUA - foi realizado a partir da imersão na vida diária dos estudantes, o que possibilitou a observação participante praticamente no conjunto das diferentes atividades que compõe a vida acadêmica de cada uma das instituições. Entre os alunos da universidade americana, esta imersão foi também potencializada pela moradia durante um período de 9 meses no campus da universidade. Finda a estadia nos Estados Unidos e após o retorno ao Brasil, tendo em mãos parte do rico material anteriormente coletado, foram realizadas mais 4 entrevistas em que foi possível aprofundar e esclarecer

³Segundo Dumont (1985) o englobamento, ou hierarquia, é, de um ponto de vista mais formal, a relação de um todo (ou um conjunto) com um dos elementos que o compõem (p. 397). Para o autor, este sistema remete a dois fundamentos universais das relações humanas: à ideologia holista ou à ideologia individualista, sendo o holismo a posição dominante e o individualismo o nível subordinado, com exceção da configuração nas sociedades modernas.

entre os estudantes afro-brasileiros alguns temas provenientes das entrevistas anteriores. No total foram realizadas 27 entrevistas, que somaram cerca de 25 horas de gravação. Além do material produzido por essas entrevistas, que foram transcritas *ipsis litteris*, o material sob análise foi completado e enriquecido pela observação e acompanhamento de diversos eventos e atividades rotineiras em locais abertos em ambas as universidades, o que permitiu investigar a apropriação e os usos dos espaços nos campi universitários e a significação especial de alguns locais e serviços. Outro ponto importante a ser destacado no trabalho de campo foi o auxílio recebido por parte de alguns alunos tradutores/mediadores, indivíduos que ajudaram a realização das pesquisas de campo, em particular naquela realizada nos Estados Unidos. Como era de se esperar, a diferença linguística colocou alguns percalços e certas barreiras durante as entrevistas, que foram agravadas pelo habitual uso entre os alunos afroamericanos do African American Vernacular English (Smitherman, 2000) ou simplesmente Black English (Labov, 1972), acrescidos do uso de gírias locais e provérbios musicais. O uso deste repertório linguístico, como é sabido, tem múltiplos sentidos, que estão além da mera mistura entre o inglês e idiomas provenientes da África, chegando mesmo a se constituir em rituais de expressão fortemente identitários dos jovens afro-americanos (Rampton, 1995). A fim de compreender melhor este fenômeno e captar sua riqueza, além de minimizar as dificuldades de tradução, foi buscado junto a MSU o auxílio de um aluno de graduação para a elaboração e adaptação das entrevistas, assim como para a aquisição de uma compreensão inicial do Black English. Este aprendizado foi decisivo para a realização das entrevistas e a coleta do material na MSU. Embora desejável, foi no entanto impossível absorver e problematizar simultaneamente os usos de gírias e do Black English durante as entrevistas. De toda forma, foi investido um esforço especial para traduzir o mais cuidadosamente possível as gírias e expressões empregadas, buscando preservar o sentido original das falas. Durante as entrevistas, com um roteiro bastante flexível, foram aparecendo e sendo reiterados alguns momentos ou etapas vistas pelos entrevistados como particularmente significativos no processo de mobilidade social. Tais momentos ou fases mencionados nas narrativas dos entrevistados foram particularmente importantes na identificação e reconstrução das diferentes estratégias de ascensão social empregadas pelos estudantes universitários, nas quais o ingresso na universidade, como era de se esperar, ocupou, de fato, uma inequívoca centralidade.

Todos os estudantes entrevistados, no momento da realização da entrevista estavam cursando a graduação, e consideravam que muitos de seus objetivos e metas pessoais, a longo e médio prazo, não tinham sido atingidos. Apesar disso, se sentiam aptos a fazer um balanço sobre as conquistas obtidas até o momento, entre elas o ingresso na universidade. Todos estavam felizes em chegar à educação de nível superior. Mas uma vez ali, já estando na universidade, começavam a perceber que apenas o diploma universitário não era garantia para a ascensão social desejada.

Um dos aspectos que chamaram a atenção nas narrativas dos entrevistados é que a pretensão em melhorar de vida através da acumulação financeira, que sempre comparece de uma ou outra forma nos projetos para o futuro de todos os entrevistados, não parece no entanto implicar, ao menos não necessariamente, na adesão a uma ideologia que enfatiza o indivíduo como valor central e que tem sido de forma recorrente associada à modernidade capitalista. Entre os autores que tematizaram essa associação, destaca-se Simmel (2009), que enfatiza como a moral imposta pela lógica do dinheiro, a matematização da vida e o cálculo econômico do cotidiano não somente participam de maneira decisiva da tessitura característica da sociedade moderna mas mais especificamente constituem os indivíduos modernos, isto é, aqueles que caracteristicamente buscam a ascensão social. Investigar como os entrevistados se situam e configuram seus projetos ascensionais a partir da chave interpretativa dessa “racionalização” da vida da qual nos fala Simmel (2009) e que corresponde à vida moderna e urbana foi para essa investigação uma inspiração e um desafio. Alcançar sucesso pessoal e profissional, realizar seu projeto, corresponde para os afrodescendentes entrevistados a ser “moderno”, participar plenamente da “sociedade moderna” e se constituir como “indivíduo”? De fato, o que as entrevistas trazem sobre essa questão, como não poderia deixar de ser, são especulações e projeções dos entrevistados sobre o futuro, quando então – esperam – terão alcançado sucesso e a realização de seu projeto. O que chama a atenção é que quando realizam essas projeções terão, em muitos aspectos, permanecido exatamente a mesma pessoa que são naquele momento. Em outros termos, o processo ascensional ou a consecução do projeto de mobilidade social tal como é concebido pelos entrevistados, admite e concebe a transformação das condições sociais, mas não necessariamente uma eventual transformação pessoal, ao menos não numa direção determinada e vista como em consonância ou derivada do processo de ascensão social. Restaria saber, mais além das projeções para o futuro relacionadas aos projetos,

que é o que foi possível obter através das narrativas dos entrevistados, quais são os modelos de fato adotados pelos estudantes entrevistados se e quando eventualmente considerarem ter conquistado o sonho da ascensão social, investigando a ocorrência da migração para posturas mais individualistas ou a manutenção do englobamento. De toda forma, o que é possível observar em relação à configuração apresentada pelo projeto e por suas projeções em cenários futuros, é que entre os entrevistados a adoção ou a valorização de um ideário individualista não aparece explicitamente como um objetivo a ser perseguido ou como núcleo do projeto, mas antes como decorrência ou consequência, vista eventualmente até como não desejável, de um processo de ascensão social.

Os projetos coletivos e individuais investigados neste trabalho foram identificados através da análise de sete momentos-chaves apontados nas entrevistas e cuja problematização de suas dinâmicas internas constituem as partes (ou os temas?) em que estão divididas essa comunicação: a seleção familiar, a identificação do talento e das aptidões pessoais, a iniciação na carreira moral, o processo de escolarização, a formação dos gostos e preferências, a inserção na cidadania cosmopolita e, finalmente, a carreira profissional. Em cada um destes pontos buscamos investigar a sutil negociação entre as esferas coletivas e individuais, onde o corpo aparece como ator e mediador principal. Isto ocorre por sua múltipla inserção na esfera particular e social, e como nos lembra Fanon (1967) no caso dos afrodescendentes, o corpo negro também está obrigado a responder por certa ancestralidade.

II- O ingresso na universidade

O ingresso na universidade é um momento marcante, particularmente enfatizado nas entrevistas, um verdadeiro ritual de passagem, sobretudo se for levado em conta que os entrevistados eram, sem exceção, os primeiros de sua família a ingressar no ensino superior⁴. Por essa razão, o ingresso constituiu o ponto focal para a análise das estratégias de ascensão social entre jovens universitários afro-brasileiros e afro-americanos. É também neste ponto das narrativas que pode-se observar a concretização de uma seleção familiar, da identificação do talento, dos desdobramentos da carreira moral, as consequências mais profundas do processo de escolarização, a fixação dos gostos e preferência pessoais, a expansão do cosmopolitismo e, finalmente, a definição da

⁴ Ver, a respeito dos ritos de passagem como atos de instituição, o foco explorado por esse autor que constitui na produção de distinção entre os que “passam” e os que não fazem a passagem (Bourdieu, 1982).

carreira profissional através da escolha do curso de graduação. Pela quantidade fatores e atores envolvidos em todas estas etapas pode-se deduzir, de saída, que os projetos individuais não formam para os estudantes, necessariamente, um conjunto harmonioso ou sincrônico, que parecem antes vivenciar o dilema originado por ocuparem posições conflituosas e de maneira bastante particular.

II- 1. Projetos individuais e projetos familiares e a moral da dádiva.

Os projetos individuais ocupam uma posição central na vida dos estudantes entrevistados, fazendo orbitar em torno de si muitos temas de suas trajetórias pessoais. Funcionando como um norte que possui um objetivo final, um resultado a ser atingido, os projetos são transfigurados sob o nome de sonho. O projeto ascensional coloca os estudantes diante de profundas transformações, como as escolhas entre o namorar e o ficar, o trânsito religioso, mostrando os diferentes graus de impregnação dos estudantes entrevistados diante da ideologia individualista ou o englobamento.

A análise dos processos de admissão nas duas universidades possibilitou compreender as regras dos processos seletivos assim como os esforços empregados para cumpri-los. As profundas diferenças entre o vestibular no Brasil e o processo de seleção longitudinal nos Estados Unidos não deixam no entanto de apresentar semelhanças ligadas aos desafios oriundos da problemática da raça e classe social. Outro fator importante é a da gratuidade ou do pagamento das mensalidades nas universidades. Estes fatores estão diretamente ligados às estratégias pragmáticas elaboradas pelos estudantes para enfrentar essa questão. Finalmente, o ponto focal da trajetória pessoal é a escolha do curso de graduação, que procura balancear uma expressão da individualidade e o utilitarismo necessário para obter uma melhor condição de vida. Sua dupla função mostra, portanto, um direcionamento interno e externo de suas intenções, refletindo de forma singular os contornos dados ao projeto coletivo e individual.

Os estudantes entrevistados cursavam diferentes períodos da universidade, alguns sendo ainda calouros e outros veteranos. Percebemos uma nítida diferença entre os projetos, uma vez que o acúmulo de semestres na universidade parece permitir o aperfeiçoamento da carreira profissional, assim como ampliar a forma de avaliação da

própria trajetória de vida. A noção biográfica, conforme descrita por Velho (2003), torna-se vital nesta parte da narrativa, pois será o resultado alcançado pelo estudante que dará um sentido positivo a trajetória de vida. Dessa forma, há sempre o risco de se chegar ao final dos estudos sem atingir as metas desejadas, “desperdiçando” assim todo o sacrifício pessoal e familiar.

Dessa forma, a ascensão social, tal como aparece entre os entrevistados, deve ser vista como inserida dentro da regra moral da dádiva⁵, imposta à coletividade e obviamente aos indivíduos, de tal maneira que somente a compreensão econômica não é capaz de dar conta das causas e razões envolvidas neste fenômeno. Essa inscrição da ascensão social será explorada sob outros aspectos em outros momentos dessa comunicação.

O ingresso em um curso de graduação acontece através do cumprimento de uma série de atividades, que podem envolver avaliações longitudinais do histórico escolar ou uma única prova denominada de vestibular. Ambos são procedimentos que Bourdieu (1977) denominou de protocolo para verificação dos antecedentes escolares do estudante. Antes de focar as dificuldades dos estudantes afro-brasileiros e afro-americanos em cumprir essas etapas, deve-se indicar que os protocolos de verificação da vida escolar – o vestibular ou histórico de notas escolares – constituem barreiras construídas por processos culturalmente datados e que em nada mostram o que seriam “dificuldades naturais” dos estudantes. Para entendermos este ponto, no nível de comparação, podemos citar o trabalho de Cabrera & Padilla (2004), que encontrou entre estudantes norte-americanos filhos de mexicanos graves dificuldades para ingressar na universidade, principalmente para os que estavam entre os primeiros bacharéis da família. A falta do capital cultural inerente à vida universitária norte-americana foi apontada como o principal fator de dificuldade. Dados próximos a estes também foram encontrados entre os estudantes universitários da região dos montes Apalaches⁶ (Hand & Payne, 2008). Um terceiro estudo realizado com o povo Hmong proveniente principalmente do Vietnã e do Laos por Quincey (2013), enfatizou também como a falta de sintonia entre o capital cultural possuído pelos estudantes e o cobrado pelas universidades pode prejudicar o

⁵A dádiva é uma lógica organizativa do social que tem caráter universalizante e que não pode ser reduzida a aspectos particulares como aqueles religiosos ou econômicos. O princípio da troca-dádiva pode ser realizado através de visitas, festas, comunhões, esmolas, heranças e outras ações de prestações com sentido ontológico envolvido nas relações entre dar, receber e retribuir (Mauss, 2003).

⁶Os estereótipos sobre as pessoas da região dos montes Apalaches tem uma difusão nacional nos Estados Unidos. Eles são vistos como “caipiras sem refinamento cultural” (Billings, Norman and Ledford, 1999).

desempenho acadêmico. O que estes três estudos mostram por diferentes perspectivas, e que as coloca juntas quando a discussão é sobre os desafios enfrentados pelos afrodescendentes, é exatamente o fato da cultura universitária ser desenhada especificamente para determinado grupo social, e feita do mesmo modo para que os demais grupos não se sintam parte dela (Dews, 1995). Destaque-se pois o ingresso ou passagem para a universidade como um rito para o qual ganha especial destaque a análise realizada por Bourdieu (1982), a passagem é de fato uma seleção, que separa concreta e simbolicamente os que passam daqueles que ficaram do outro lado, conferindo portanto nova identidade aqueles que passaram. Dito isso, pode-se passar à análise das entrevistas onde os universitários narram sua participação no processo seletivo.

Em uma avaliação longitudinal, o bom desempenho constante é um dos fatores primordiais, ainda mais quando se concorre com outros candidatos com diferentes níveis socioculturais. Neste tipo de avaliação, amplamente difundido nas universidades norte-americanas, as provas padronizadas como o SAT⁷ tem um enorme peso, pois medem a nível regional e nacional o aprendizado dos estudantes. Além disso, cartas de recomendação, serviços comunitários e uma gama ampla de outras atividades sociais, esportivas e artísticas também são levados em consideração na hora de avaliar os estudantes. Finalmente, alguns aspectos mais sutis, como por exemplo o perfil pessoal e histórico de outros familiares que já estudaram naquela universidade, acabam por favorecer determinados candidatos. Manter a maioria destes fatores alinhados durante anos revelou-se para os entrevistados uma tarefa bastante difícil, sobretudo para os estudantes oriundos das camadas populares que tiveram que conjugar fatores como trabalho e falta de estrutura para os estudos. Para o estudante Terry, aluno de Ciências Contábeis da MSU, a maior dificuldade era conseguir manter as notas altas em matemática na escola.

O meu curso pede muita matemática, portanto, eu sabia que era isso que eles iriam olhar logo de cara, minhas notas na disciplina. Só que na prova SAT e nas outras as questão vão para o país inteiro, ou seja, se o seu professor te ensinou aquilo ou não você tem que saber. A prova nivela (risos), mas é por cima, e eu estava embaixo. É muito difícil sempre correr atrás do prejuízo nas disciplinas. Minha família sabia menos do que eu, não tinha ninguém pra perguntar (Terry, 20 anos, aluno de Ciências Contábeis da MSU).

⁷O SAT[®] é um sistema de provas padronizadas aplicadas nacionalmente em todos os alunos norte-americanos que desejam obter notas para ingressar na universidade. Assemelha-se, portanto, à prova do ENEM que é aplicado no Brasil.

A cultura universitária brasileira também foi considerada como um sistema ou código bastante estranho aos olhos dos estudantes afro-brasileiros entrevistados. Sem bacharéis em suas famílias e possivelmente tampouco existentes em sua vizinhança e círculos próximos de amizade, esses jovens projetam o mundo acadêmico através de informações fragmentadas, fantasiosas ou incompletas. A estudante Teresa, aluna de Psicologia na PUC-Rio, chega a usar um tom cômico para expressar a distância e falta de referências que a separavam da faculdade.

Fazer faculdade pra mim era coisa para ser doutor. Mas eu não sabia o que significava. Lá na minha cidade, interior mesmo de Minas Gerais, doutor servia para tudo, principalmente para os matutos chamarem qualquer pessoa com um nível melhor de educação. Foi no pré-vestibular que os professores foram explicando melhor, mas sabe quando uma coisa é muito distante e você não consegue entender? Era assim a universidade para mim. Só estando aqui que você aprende mesmo estas coisas (Teresa, 25 anos, aluna de Psicologia na PUC-Rio).

As informações para o ingresso na universidade levavam os alunos apenas até os portões da instituição, ou seja, versavam sobre como passar no vestibular e obter uma matrícula. Para os alunos brasileiros prestar o vestibular, por si só, já constitui um enorme desafio. Diferente da avaliação longitudinal, este exame consiste em duas ou três provas sobre todo o conteúdo acumulado até o ensino médio. Com exceção de uma aluna, Ingrid, todos os demais entrevistados eram alunos de escolas públicas, e os estudantes destas instituições tem demonstrado em testes padronizados (como o Enem, Prova Brasil e outros), grande defasagem de aprendizagem do conteúdo das disciplinas. O estudante Jorge, aluno de História da PUC-Rio nos conta um pouco sobre sua rotina no curso pré-vestibular.

Lá era revisão do conteúdo, mas na verdade eu estava mesmo era aprendendo tudo. Eu fazia o segundo grau à noite e trabalhava durante o dia, o pré-vestibular era aos sábados o dia todo. Nosso dia de estudos era muito cansativo, pois tínhamos muita matéria. Imagina ver em um dia o que as pessoas veem durante cinco dias. Mas era hora de correr atrás do prejuízo. Da matéria da 5ª série que você não sabe, pois ficou sem professor, das dúvidas que você acumulou e foi aprovado automaticamente pela escola pública. Os professores chegavam a ficar com pena da gente tamanho o nosso atraso nas disciplinas (Jorge, 24 anos, aluno de História da PUC-Rio).

II- 2. Como pagar a universidade ou ter bolsa de estudo? Um dilema: trabalhar ou estudar?

O momento de cursar um pré-vestibular pelos estudantes afro-brasileiros foi definido com a expressão “correr atrás do prejuízo”, que foi exatamente a frase mais utilizada pelos entrevistados para descrever este momento de suas vidas. O trabalho para os jovens

provenientes de camadas populares foi encarado como uma questão de necessidade imediata, e a escolha forçosa entre trabalho ou estudo apenas produz uma seleção e afunilamento: de um lado, entre aqueles que conseguem a dedicação exclusiva aos estudos ou inventam outros jeitos de conciliar estas instâncias e, por isso, podem “ter um futuro”; e, de outro lado, aqueles cuja dedicação obrigatória e exclusiva ao trabalho os confina permanentemente à satisfação da necessidade imediata, impedindo-os de estudar e de “ter um futuro”. A conciliação entre trabalho e estudo revela-se um verdadeiro dilema na visão dos entrevistados, que enfatizam que isso ocorre porque a sociedade brasileira, na melhor das hipóteses, não valoriza este tipo de ação. Como relataram muitos entrevistados, a impossibilidade de combinar trabalho e estudo é responsabilizada por colocar muitos para fora do “caminho estreito” que leva até a universidade. O estudante Celso, aluno de Comunicação Social da PUC-Rio nos conta um pouco sobre os amigos que por esse motivo não conseguiram chegar à universidade.

Tinha muita gente boa lá no pré-vestibular comunitário, mas muitos nunca chegaram a universidade. Tiveram que sair só para trabalhar, pois a família precisava de dinheiro, ou tinham filhos, mãe doente, essas coisas. O horário dos estudos já é feito para você não trabalhar, e na faculdade só piora. É para selecionar pela exclusão mesmo. Triste realidade (Celso, 22 anos, aluno de Comunicação Social da PUC-Rio).

Um outro ponto relevante apontado pelos entrevistados durante o campo realizado nos Estados Unidos foi o custo elevado do ensino universitário naquele país. Este aspecto é crucial dentro do projeto coletivo familiar, uma vez que os responsáveis pelos estudantes entrevistados se dedicaram a elaborar detalhados planos e estratégias visando o desconto ou não pagamento das mensalidades da faculdade. Como demonstrado por Kane (1999), as mensalidades das universidades estadunidenses tem aumentado exponencialmente nos últimos 20 anos, ultrapassando em muito o aumento do poder aquisitivo das famílias mais pobres. Quando perguntados sobre o modo de pagamento da universidade, a maioria absoluta dos estudantes da MSU responderam que haviam recorrido a empréstimos bancários, seja para completar a pequena poupança feita pelos pais ou para suprir o correspondente a taxas não cobertas pela bolsa de estudos para atletas e músicos concedidas pela universidade. O trabalho de meio turno, e até mesmo a combinação de vários deles, também aparece como uma forma recorrente e legítima de cursar a faculdade. A própria universidade recruta sistematicamente alunos para trabalhar nas lanchonetes, lojas, livrarias e outros serviços que não comprometam os estudos e este é um hábito bastante comum nos Estados Unidos. Também no contexto da vida

universitária, assim como nos demais contextos sociais, o trabalho comparece como um movimento ascético imprescindível para o estilo de vida norte-americano. A maioria dos estudantes afro-americanos entrevistados puderam contar muito pouco com a poupança dos pais, em sua maioria de modo apenas complementar. De maneira característica, os pais desses estudantes buscaram munir seus filhos de algumas ferramentas, não exatamente para pagar os estudos, mas para deixar de pagar. De fato, as bolsas de estudos constam entre os objetivos mais desejados por pais e filhos em todo os Estados Unidos, e as famílias mais pobres traçam um minucioso planejamento para atingir este objetivo, que muitas vezes constituem, concretamente, o único caminho para o ingresso na universidade. Entre os estudantes norte-americanos entrevistados o modelo de bolsa de estudos mais comum foi o da bolsa atleta e a bolsa de músicos.

Dois estudantes da MSU, Collins e Mary, tinham uma bolsa de estudos por tocarem na banda marcial da universidade, enquanto Michael, na condição de aluno-atleta, e Eric, por integrar o grupo de teatro da universidade, também eram bolsistas. Todos estes alunos conseguiram alcançar o almejado sonho da bolsa de estudos, tendo cumprido um rigoroso e detalhado plano, desenhado por suas famílias e sua comunidade. Mesmo que a profissionalização de atletas universitários estadunidenses não alcance nem a porcentagem de 2% dos esportistas (Morris, 2014) e muitos outros, como é o caso da aluna Mary, toque na banda exclusivamente para obter a bolsa, isto é, sem ter pretensões de dar no futuro continuidade à música de modo profissional, o resultado da carreira moral baseado no talento mostra-se para os estudantes afroamericanos bastante satisfatório. Isso certamente não ocorre sem ambiguidades e conflitos, mas o fato é que talento avulta como algo que torna possível a obtenção da bolsa, mesmo que não esteja diretamente associado à profissão escolhida. Esse é o caso da estudante autodenominada *geek* Mary, aluna de Biologia na MSU, que durante a entrevista explicitou que seu desejo de fato era o dese integrar ao grupo de ciências, e não o da banda marcial da MSU, de cuja participação regular nos ensaios dependia a sua bolsa de estudos. Mas ela sabia que isso não seria possível, pois essa bolsa – vinculada à permanência na banda – era vital para continuidade de seus estudos.

Minha mãe pouco pode guardar dinheiro, não sobrava muito. Sabendo disso ela, e muitos outros lá na vizinhança vão ensinando aos filhos um esporte, um instrumento musical, vendo se ele tem algum talento que possa no futuro dar uma chance de ter uma bolsa de estudos. Eu fiquei com o trompete (risos). A contra gosto, mas tenho a bolsa e isso é o que importa. É um plano, sabe, a longo prazo. Ir as aulas de teoria musical aos 8 anos, e saber que o efeito disso será só aos 18 anos, e talvez nem funcione, requer muito autocontrole e

paciência (risos). Mas é assim que funciona, e os pais te cobrando (Mary, 21 anos, aluna de Biologia na MSU).

Ambos os agenciamentos, a preparação para as avaliações longitudinais e para o vestibular, assim como a iniciação e persistência durante anos em determinada carreira com vistas a obtenção no futuro de uma bolsa de estudos, são simultaneamente causas e efeitos da elaboração de um projeto pessoal e familiar, assim como de uma intervenção consciente sobre as emoções e movimentos desordenados, aquilo que Mauss denominou de “educação do sangue-frio” (Mauss, 2003, p. 421), e que está presente invariavelmente em todas as técnicas corporais, construindo os corpos assim como os limites de suas necessidades e funcionando como um conjunto de expectativas e percepções que fazem parte de uma cultura e que conferem aos corpos suas especificidades. As estratégias de movimentos coordenados neste contexto são escolhas táticas que envolvem uma certa educação do corpo para adiar prazeres imediatos em troca de possíveis prazeres futuros. Ao deixar de gastar o seu salário, por exemplo, em refeições, e muitas vezes privando-se de ingerir a quantidade desejada de alimentos, ou em lazer ou cuidado pessoal, para economizar em prol do estudo dos filhos, os parentes e a própria criança ou o jovem, orientam seu comportamento para ações determinadas, precisas, refletidas e conscientes, que fazem parte de um projeto.

Mesmo levando-se em conta as grandes diferenças entre os universos brasileiro e estadunidense, pode-se dizer que para os alunos entrevistados nos dois países a universidade parece realmente funcionar em dois ritmos completamente diferentes, impostos por um lado pelos alunos que trabalham e, de outro, pelos que não trabalham. A rotina imposta pela dupla jornada parece cobrar um equilíbrio difícil para obter bom desempenho em todas as tarefas, tornando a vida universitária um jogo arriscado à medida que os estudantes devem ganhar tudo e perder nada. Sem margem para negociação e com a falta de suporte familiar suficiente, que na visão dos entrevistados pouco ou nada poderia fazer para ajudar, parece que a tarefa de dar suporte a estes estudantes se restringe à via institucional, através de uma dezena de escritórios de suporte acadêmico, pedagógico, psicológico e social – muito estruturada nos Estados Unidos -, assim como uma ajuda entre pares, ou seja, os próprios estudantes ajudando uns aos outros.

A condição de trabalhar e ser estudante entre os universitários brasileiros pesquisados é bastante delicada. Como anteriormente afirmado, o desenho institucional

das universidades, em sua grande maioria, não busca atender uma enorme parcela da sociedade que necessita conciliar tarefas. Muitos cursos de graduação são oferecidos apenas em horário matinal e diurno, ou ainda pior, exigem tempo integral. Apesar disso, não são poucos os estudantes que se aventuram acumulando múltiplas tarefas.

Lá em casa foram meus irmãos que trabalhavam para eu estudar. Quando eu entrei na PUC isso se manteve. Meu trabalho é deixar a casa arrumada, lavar, passar e cozinhar para todo mundo, e isso não é pouco quando se tem 8 pessoas na casa. Só que isso já era na casa dos meus tios aqui no Rio. Feitas minhas tarefas, eu me dedicava aos estudos, vir pra cá, assistir aulas, essas coisas. O dinheiro pra tudo isso eles que me ajudavam, mas era muito pouco e às vezes nada. (Teresa, 25 anos, aluna de Psicologia na PUC-Rio).

Outros estudantes entrevistados, como Daniel, Jorge e Henrique já trabalhavam antes de ingressar na universidade, e tiveram que reorganizar suas tarefas a partir da realidade dos horários da universidade.

Um dia eu cheguei à sala meio atrasado e com maior cara de sono, tinha perdido o horário. Outro aluno logo soltou a piada: tá com a cama nas costas ainda, cara. Eu respondi que era porque estava trabalhando até tarde e que não tenho papai/mamãe para me sustentar. Ai ficou o maior silêncio na sala. Acho que eles pensam que todos tem a vida mansa deles. Eu sempre trabalhei e me recuso a parar. Além disso, eu preciso muito desse dinheiro, cada xerox, cada livro custa caro, e chega na hora tem professor que nem usa o material direito porque a maioria não leu. Muita falta de respeito, com quem leu e com quem se ferrou para ter dinheiro para comprar e ler. (Henrique, 28 anos, aluno de Psicologia da PUC-Rio).

A latente tensão entre o que seriam dois mundos, o mundo dos alunos que trabalham e estudam e o mundo dos alunos que apenas estudam, ganha força a medida que a PUC-Rio parece adotar, implicitamente, a obrigatoriedade da dedicação exclusiva aos estudos, em consonância com as exigências de muitos órgãos da educação nacional. Essa exigência é o que coloca muitos alunos diante do dilema de escolher entre cumprir as leis institucionalmente impostas ou salvaguardar os interesses particulares através de relações pessoais. Esta parece ser um tipo de questão cuja resolução tem sido apontada através daquilo que DaMatta (2000)denominou de malandragem e jeitinho brasileiro. Neste modo de navegação social, a problemática do estudo-trabalho parece ter encontradoentre os estudantes brasileiros entrevistados o que seria uma solução pacífica e até legítima. A malandragem, lembra DaMatta, é um papel social que pode ser mobilizado em determinadas circunstâncias como “modo de viver, e às vezes sobreviver” (p. 104).

Pô, eu já trabalhava antes da PUC. Ai cheguei aqui e para receber tal ajuda não pode ter renda per capita de x reais, e para este outro auxílio não pode ganhar y reais. Ou seja, você tem que atingir a penúria para alguém te ajudar. Eu faço o que muitos fazem, “bicos”, serviços por fora e dinheiro na mão, sem carteira assinada nem nada. Na hora de mostrar a

renda, pronto: é nada! Mesmo assim, juntando todas as bolsas que eu ganho com os dinheiros dos biscates não dá nem o que os alunos ricos daqui gastam em cerveja no final de semana. Por isso a gente tem que ‘adaptar o sistema’, já que ele foi feito contra os mais pobres (Zumbi, estudante de 24 anos, Ciências Sociais na PUC-Rio).

Os dados aqui encontrados corroboram pesquisas anteriores entre os alunos bolsistas na PUC-Rio. Entre todos os entrevistados por Salvador (2001) no ano de 1994, “12 estavam trabalhando quando chegaram a PUC, sendo que 7 continuaram trabalhando e 5 saíram do emprego” (p. 135). Entre os que permaneceram, alguns ainda tiveram que negociar o horário de trabalho, sob o risco de perder o emprego. Uma estratégia utilizada pelos estudantes entrevistados foi a troca de trabalho ou emprego por atividades no interior do circuito acadêmico que possam gerar algum tipo de renda.

Como podemos notar, dado o desamparo social que desestimula o trabalho e estudo, cronificado por uma estrutura institucional não desenhada para este tipo de público universitário, as saídas encontradas não são pelas vias legais, mas pelo esforço individual e pelo uso do chamado “jeitinho brasileiro”. Deste modo, os alunos afro-brasileiros entrevistados se utilizam de forma recorrente de diversos artifícios para poder sustentar sua permanência na faculdade, onde o dinheiro para o sustento aparece como um questão primordial.

II- 4A escolha do curso e da universidade.

Ao serem perguntados sobre como fizeram a escolha do curso de graduação, todas as respostas mostraram haver uma nítida preocupação em conjugar projeto pessoal e projeto familiar. Além disso, uma análise estatística dos dados fornecidos por ambas as universidades demonstrou um dado significativo para a compreensão do universo pesquisado: não se verifica a preferência por determinados cursos, em detrimento de outros. De fato, os estudantes afrodescendentes, que constituem a primeira geração de bacharéis em suas famílias, de forma similar aos demais alunos da universidade, almejam ingressar em todos os cursos de graduação, não preferindo ou preterindo determinados cursos, nem em razão do seu maior ou menor índice de reprovação⁸ (Salvador, 2001; Guimarães, 2013). A escolha do curso de graduação mostrou grande sintonia com as negociações pessoais entre os projetos coletivos e individuais. Os alunos

⁸ Outro fator importante neste sentido é que a oferta de bolsas pelo programa Prouni corresponde a 10% das vagas totais de cada turma, uniformizando assim a presença de alunos bolsistas em todos os cursos de graduação.

Ingrid e Scott, ambos graduandos em Serviço Social, a primeira na PUC-Rio e o segundo na MSU, explicam que a preocupação muito grande com temas sociais e políticos foi decisiva para orientar a escolha do curso. Outros estudantes, como o afroamericano David e o aluno da PUC-Rio Daniel, contam que a escolha da carreira teve como critério central aquela que consideravam oferecer a melhor chance de ascensão social, no caso o curso de Administração.

Ser administrador para mim é um dos melhores caminhos para atingir meus objetivos, ter uma vida boa, sabe, ganhar algum dinheiro. Você pode trabalhar quase em tudo, tudo precisa de um administrador. Eu sempre gostei da ideia de fazer esse curso. Vendo os *reality shows* de negócios eu fique mais empolgado ainda. Sei que é um sonho que todos têm, mas hoje como estagiário eu ganho quase a mesma coisa de quando eu era caixa de mercado, e ainda nem terminei a faculdade (David, 42 anos, aluno de Administração da MSU).

A escolha do curso de graduação pelos alunos entrevistados nas duas instituições esteve voltada primeiramente para o que seria uma certa garantia de uma boa inserção no mercado de trabalho, baseada na remuneração e prestígio social. Após assegurar este ponto objetivo, a escolha do curso de graduação parece passar por determinantes mais subjetivos, relacionados com questões associadas à raça e/ou classe, principalmente quando observados os alunos dos cursos de ciências humanas e sociais, que trazem a militância política em suas trajetórias de vida e em seus projetos individuais. Isso está em consonância com outros estudos de Salvador (2011) no Brasil e os dados apresentados por Morris (2014) nos Estados Unidos que não encontraram entre os estudantes estudados uma escolha de cursos de graduação racialmente orientada. O que foi registrado, e será visto mais adiante, foi uma preferência, em alguns casos, por temas raciais e sociais dentro de alguns cursos, não ficando a escolha restrita ou confinada a determinados campos de saber.

Um fator diretamente envolvido na escolha do curso de graduação é o prestígio que a profissão desfruta aos olhos dos pais e parentes. Opondo-se frequentemente ao caminho de ascensão individual, ou informando a afinidade entre a escolha familiar e a individual, a escolha do estudante por um curso de graduação valorizado pelos familiares pode reafirmar ainda mais o compromisso do estudante com o projeto coletivo de seu grupo de origem, utilizando sua própria carreira profissional como peça estratégica para o sucesso do projeto coletivo.

Nessas decisões, parece haver uma certa ordem nos eventos: primeiramente ocorre a escolha do curso e, em seguida, a opção pela universidade. Neste ponto a MSU e a

PUC-Rio aparecem sob perspectivas completamente diferentes, em dois lados praticamente opostos. Se por um lado a MSU é uma universidade reconhecida pela comunidade negra de Baltimore e do país como uma instituição de suporte e qualificação do grupo negro, como membro das HBCUs⁹, e por isso é respeitada e almejada por muitos membros da comunidade negra local, por outro lado a PUC-Rio é encarada como um local de elite, “objeto de consumo”, uma marca, ou como disse a estudante Ingrid “uma universidade que tem grife”. As universidades historicamente negras como a MSU fazem parte de um continuum da comunidade negra e exercem de modo explícito e qualificado o seu papel e missão de tornar os negros e os diversos grupos negros mais prósperos. Ingressar na PUC-Rio é para o jovem negro algo bastante diferente e oposto, é lidar com a descontinuidade, é de fato habitar um novo universo social, geralmente em nada relacionado com a realidade de suas comunidades de origem. É “um bom lugar tão longe de casa”¹⁰ - dessa forma definiu a PUC-Rio um dos estudantes bolsistas entrevistados.

II- 4 Buscando continuidades ou descontinuidades

A decisão de não ingressar em uma universidade pública e ir para a PUC-Rio pode estar tanto associada a fatores objetivos, como notas de provas, Enem etc., quanto a preferências pessoais. Quer a decisão pela universidade escolhida tenha sido vista como simples decorrência do pertencimento à comunidade negra, como ocorreu entre os alunos norte-americanos, quer tenha sido resultante da procura do status conferido pela “grife” da universidade, no caso de ao menos alguns afrodescendentes da PUC-Rio, de toda forma, o que deve ser registrado é o fato de que os alunos de ambos os países fizeram sua escolha baseados numa projeção a respeito do tipo de ambiente e pessoas que iriam e que queriam encontrar na universidade pela qual optaram. Os da MSU ao ingressarem naquela universidade tinham a garantia da permanência no interior de seu grupo de referência racial, os negros; ao contrário dos alunos norte-americanos, os alunos da PUC-Rio estavam diante de mais uma, e, talvez, a maior ruptura em relação ao seu grupo de origem, e isso tanto do ponto de vista racial quanto sócio-econômico. Mesmo ao

⁹HBCUs - *Historically Black College and Universities*. São as universidades históricas negras, criadas a partir de 1857 (a MSU foi criada em 1867) em uma época onde as leis segregacionistas impediam o ingresso de alunos afro-americanos em diversas universidades.

¹⁰Dews (1995) relatou este sentimento ao estudar membros da classe operária norte-americana que ingressaram em universidades prestigiadas.

ingressarem em universidades públicas com maior diversidade racial e social do que a PUC-Rio, como a UERJ ou a UFRJ, por exemplo, os alunos negros provenientes das camadas populares encontrarão grandes dificuldades no convívio acadêmico. Dificuldades estas causadas por um sistema universitário refratário à diversidade e acostumado historicamente com a similaridade ou homogeneidade social dos alunos. O estigma social e racial elevou estes alunos à categoria de “desacreditados”, nos termos de Goffman (1980), pelo entendimento de que estes não teriam o mérito compatível com o fato de estar ali (Valentim, 2012). Conscientes deste desafio, em maior ou menor parte, os alunos entrevistados enfrentaram a estigmatização sabendo que provavelmente encontrariam maior resistência na PUC-Rio do que em outras universidades. O estudante Jorge, aluno de História conta o espanto dos amigos e da mãe quando contou que queria estudar na PUC-Rio.

Acho que ninguém acreditou. Só eu e mais uma pessoa lá do pré-vestibular comunitário tentamos pra cá. Isso porque aqui não era visto como uma possibilidade pra gente lá da Baixada Fluminense. Aqui é longe, tudo aqui é caro e a maioria do pessoal aqui é rica. Sabíamos que ia ter preconceito, segregação, zoação com a gente, essas coisas. Mas era nossa chance de estudar. A minha mãe falou logo: ah meu filho, arruma esse cabelo, vai ficar todo mundo olhando pra você lá (Jorge, 24 anos, aluno de História na PUC-Rio).

A localização geográfica e simbólica é outro ponto de contraste entre as duas universidades. A MSU encontra-se no coração da parte norte e negra de Baltimore e está conectada à vida comunitária negraticamente em todos os sentidos. Mesmo os alunos de primeira geração de bacharéis na família já tinham contato com a universidade, mesmo que nenhum parente tenha frequentado o campus. Através dos serviços comunitários, do time de futebol americano, da igreja dentro da universidade e uma série de outras atividades gratuitas, a MSU congrega a comunidade negra para dentro de si, capacitando trabalhadores em cursos de aperfeiçoamento profissional.

Inserida na zona sul do Rio de Janeiro, em um dos espaços urbanos mais cobiçados e caros do Brasil, a PUC-Rio é uma universidade bastante distante do universo da maioria dos estudantes entrevistados. Na já mencionada pesquisa realizada por Salvador (2001) com alunos bolsistas ingressantes na PUC-Rio no ano de 1994, a universidade aparece na narrativa dos estudantes de forma explícita como “outro universo” que, ao ser habitado por alunos bolsistas provocaneles o sentimento de se “sentir um E.T” (p. 129). De fato, muitos destes alunos jamais haviam estado na universidade antes do dia da matrícula.

O que chamou a atenção nessa comparação é que apesar das imensas diferenças que separam a PUC-Rio e a MSU- Baltimore, a posição social dos estudantes afroamericanos e afrobrasileiros os coloca em uma situação bastante comparável no momento em que ingressam na universidade. Segundo depoimentos de alunos bolsistas da PUC analisados por Salvador “na PUC há os punks, os hippies, os mauricinhos, as patricinhas e tinha também os carentes”(2001, p. 149). Os alunos afrobrasileiros configuram portanto um “tipo”, produto de uma classificação que nomeia e separa os grupos segundo características consideradas marcantes, no caso, as marcas que distinguem racial e socialmente os negros, ou não brancos. Entre os alunos da MSU as categorias mais usadas para designar os estudantes afroamericanos são *working-class* ou *blue-collar*, revelando que é, com efeito, a diferença de classe, e não de raça, que é evocada nessas designações. As categorias empregadas para designar esses alunos da MSU servem igualmente para designar os alunos com pouca habilidade, interação social e dificuldades de vestir-se de modo adequado no meio acadêmico (Reay, Crozier, & Clayton, 2008). Os termos “estabelecidos” e “outsiders” (Elias e Scotson, 2000) também são usados de forma bastante comum em análises sociológicas entre universitários de ambos os países, como a demarcar a precedência de quem chegou primeiro e que, como tal, teria mais direitos em relação aos recém chegados.

Uma vez dentro da universidade e realizadas as adaptações necessárias e possíveis a respeito de horários e disciplinas, os estudantes de ambos os países revelam ter entrado em contato com um espaço social pouco familiar. Santos (2007) chamou a atenção para o confronto do homem com “espaços que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja a memória lhe é estranha” (p. 81). Para o autor, este é um processo de migração que pode levar à “desculturalização” e à alienação. Desterritorializados de seus objetos e processos de socialização, os estudantes enfrentam agora o desafio que reconstruir dialeticamente uma nova territorialidade e cultura, para que assim possam habitar estes novos espaço. Passam do sonho de ingressar na universidade para a realidade de seus desafios.

Quando eu cheguei à PUC eu não conhecia absolutamente nenhum aluno. Era um peixe fora d’água. Então eu só andava, no início, com alguns padre e freiras que eu conhecia lá na comunidade católica, e acabou do pessoal pensar que eu cursava teologia, mas eu faço psicologia (risos). Acho que você fica acuado quando está num novo lugar, onde será testado, examinado, não só pelas notas, mas pelas pessoas também (Henrique, 28 anos, aluno de Psicologia da PUC-Rio).

A circulação restrita pelo campus mostra bem a rugosidade do espaço universitário vivenciado pelos alunos entrevistados. Mesmo que não haja impedimentos para a livre circulação, existe claramente uma preferência de interação entre os alunos, buscando a companhia de certos tipos de alunos e em determinados espaços que julguem mais abertos ou acolhedores. Goffman (2002), que analisou profundamente a interação face-a-face e em locais públicos, chamou a atenção para o fato de indivíduos iniciados em novas culturas organizacionais apresentarem frequentemente dificuldade em assimilar as regras de conduta social, e que, por isso mesmo, recorrentemente falham em sincronizar suas obrigações com as expectativas dos membros do grupo. Não é de se estranhar, portanto, que tanto os alunos da PUC-Rio pesquisado por Salvador (2001) quanto os alunos cotistas da UERJ investigados por Valentim (2012) sejam “acusados” pelos demais alunos de sua universidade de andarem em bandos, isto é, sempre agrupados entre cotistas e separados dos demais, e frequentando de forma exclusiva alguns espaços restritos do campus. Este não é um fenômeno particular do Brasil, e entre os estudantes do povo Hmong investigados por Quincey (2013) também foi observado o mesmo comportamento.

Os problemas financeiros, psicológicos e de desempenho nas disciplinas são os aspectos que mais mobilizam as redes de relações de suporte. A questão financeira fica a cargo de algumas ações de apoio, como doação de passagem e alimentação entre os estudantes brasileiros e o acesso grátis ao *mealplan* e a tomada de empréstimos bancários entre os estudantes norte-americanos. A psicoterapia também é oferecida a ambos os grupos de alunos, e as queixas estão comumente relacionadas a dilemas e angústias decorrentes de conflitos cotidianos presentes na universidade. Goffman (2008) já havia nos alertado sobre a *interação angustiada* (p. 27) e como esta pode levar a fragmentação do eu quando o indivíduo é exposto de forma contínua a este tipo de interação.

A respeito do desempenho nas disciplinas, este ponto merece especial atenção, por ser um dos maiores responsáveis pelo stress entre os alunos, e um dos temas narrados com maior passionalidade. Poderíamos subdividi-lo em ir a aula e ter notas boas. Apesar dos alunos da MSU entrevistados morarem dentro do campus, nem sempre ir as aulas é tarefa fácil. Isso ocorre pela tentativa de conciliação entre as múltiplas tarefas que estes alunos exercem. Diferentemente do aluno que paga integralmente a universidade e não possui outros compromissos senão o de frequentar as aulas, os alunos entrevistados participam, de forma obrigatória por sua condição de bolsistas, de uma série de

atividades curriculares e extra-curriculares. Assim, desde a “turma do cochilo” mencionada por David, até os atrasados crônicos ou os faltosos regulares, todos representam bem as dificuldades dos alunos afro-americanos da MSU em estar plenamente em sala de aula. Sem ter a mesma carga de atividades extra-curriculares obrigatórias, a natureza das dificuldades encontradas pelos alunos brasileiros entrevistados remetem a um aspecto bastante singular: o de um amplo e custoso deslocamento geográfico para chegar diariamente de casa até a PUC-Rio. Moradores da Baixa Fluminense, zona oeste e zona norte da cidade do Rio de Janeiro, o transporte público é a opção diária para realizar um trajeto que pode demorar até três horas. Estar em sala de aula às 7 horas da manhã pode requerer do aluno um despertar às 4 horas da madrugada. São rotinas exaustivas que marcam a vida universitária destes alunos.

Saio de madrugada, tudo escuro. Trem lotado. Chego aqui só com o café da manhã na barriga, e entro na sala 10-15 minutos atrasado, e tem professor que faz cara feia, *aff*. A maioria aqui mora do lado, problema é meu se moro longe. Essa é a verdade, por isso damos preferência de pegar matérias com aqueles professores mais tolerantes, o cara é mais compreensível com a gente (Ingrid, 29 anos, aluna de Serviço Social na PUC-Rio).

Quando o horário das disciplinas é no período da tarde, os alunos aproveitam para almoçarem antes de iniciar o longo trajeto até a universidade, como foi o caso de Zumbi.

Eu tinha aula só às 13h num semestre. Para economizar o dinheiro do almoço eu fazia as refeições em casa antes de sair. Mas antes de sair para uma viagem de quase 3 horas, ou seja, eu almoçava às 10h, o que é muito estranho. Essa loucura de vir pra cá com esse trânsito e nessa distância me obrigava a isto (Zumbi, 24 anos, aluno de Ciências Sociais na PUC-Rio).

Ao atravessarem a cidade para ir à universidade, os alunos entrevistados na PUC-Rio também são atravessados pelas transformações paisagísticas, urbanas, econômicas e simbólicas que a desigualdade social esculpiu na cidade do Rio de Janeiro. Para realizar com êxito este trânsito contam com uma série de estratégias, como usar um calçado confortável durante o trajeto e outro mais bonito dentro da universidade. E em se tratando de alunas, não é incomum a troca ou sobreposição de algumas peças de roupa durante a viagem, que são retiradas ao chegar à PUC. A principal função deste expediente, conforme relatado, é o de evitar o assédio sexual no transporte público.

Após todo este esforço, nem sempre o fato de obter boas notas é acompanhado do devido reconhecimento por parte do corpo docente. O chamado “preconceito de nota” encontrado por Salvador (2001) foi um problema também reportado pelos estudantes brasileiros e norte-americanos entrevistados. Esta questão se manifesta exatamente

quando a nota do aluno atinge um patamar superior ao das expectativas do docente, isto é, a partir da subestimação pelo docente da capacidade do estudante. Não se trata, como alguns poderiam achar, do docente manifestar espanto diante do que se revela uma grata surpresa, mas mais bem é a manifestação de uma profunda desconfiança e descrença na potencialidade do aluno. Frases como “você fez isso sozinho?” demonstram, de fato, um preconceito velado.

Argumentos muito próximos a estes também foram relatados pelos estudantes brasileiros entrevistados. A ideia de que o preconceito e o racismo obrigam os estudantes bolsistas a realizarem um “esforço multiplicado” para chegar exatamente aos mesmos resultados que os estudantes não bolsistas obtiveram com pouco esforço parece ter ganhado ampla divulgação pela cultura negra através do hip-hop, com a sua técnica de construção argumentativa que trabalha com contraste.

O desamparo institucional nestes casos ocorre pela dificuldade de tipificar tais condutas racistas e preconceituosas, que se utilizam das sutilezas e subjetividade do processo de avaliação para estabelecer-se. A negação do conflito racial no Brasil (DaMatta, 1991) e a burocratização e judicialização do mesmo nos Estados Unidos (Stevenson, & Friedman, 1994) tornam ainda mais difícil o pleito por formas mais igualitárias e justas de avaliação dentro da universidade.

As diferentes expectativas e resultados sobre o que seja o ensino superior, e seus efeitos, também afastam os estudantes de suas famílias. Focados apenas no aspecto “conteudista” da universidade, parece que os familiares, que nunca frequentaram a faculdade, comumente creem que seus filhos irão apenas aprender assuntos e absorver informações. Mas a imersão no curso universitário, principalmente para aqueles que desejam fazer deste momento sua força motriz para a ascensão social, é um período de profundas transformações que estão para muito além do mero conteúdo aprendido.

A universidade é ‘fogo’! Mas não dizem que o fogo é que purifica o ouro? Então precisamos fazer as coisas esquentarem se quisermos melhorar. As vezes a correria é tanta que aos finais de semana não tenho tempo para ver meus familiares. Minha mãe não entende, acha que meus ‘trabalhos de casa’ são iguais aos do colégio. Mas esse sacrifício é necessário agora, para colher os frutos depois.

II- 5 O lugar da família no projeto ascensional

O maior afastamento do estudante de sua família visto como um problema entre os alunos brasileiros também foi relatado por Salvador (2001) e por Davis (2010) em pesquisa

com alunos norte-americanos. Durante as entrevistas foram recorrentes as queixas sobre a angústia da separação entre o estudante e sua família de origem. Havia certa semelhança na fala dos alunos da PUC-Rio e da MSU sobre o tema, mas sobretudo, havia diversos pontos de divergência. Se por um lado, para os estudantes brasileiros, a residência em bairros distantes da universidade cobra um alto custo pelo deslocamento e custo financeiro, por outro lado a moradia em repúblicas estudantis próximos a universidade ao esmo tempo que evita um penoso deslocamento priva o estudante, no entanto, de parte do convívio familiar. Entre os estudantes norte-americanos a ida para a universidade faz parte do pacote de vivências obrigatórias de serem experimentadas durante a universidade. Não se coloca a questão do deslocamento pela cidade ou transporte público, como encontrado entre os estudantes brasileiros, como o fator principal para a escolha de residir ou não no campus. Em ambos os casos o ingresso na universidade constitui um ritual de passagem (Van Genep, 2011), e a saída da casa dos pais enfatiza o primeiro momento de separação, denominado de *ritual preliminar* (p. 37). A separação simbólica é potencializada pela separação física, que marca a passagem para a vida adulta. Diferente da maioria dos casos no Brasil, nos Estados Unidos a moradia no campus universitário é um aspecto da vida acadêmica que se encontra institucionalizado, tanto pela universidade como pelas famílias norte-americanas. Apesar das diferenças entre o ritual de passagem entre os estudantes entrevistados na PUC-Rio e na MSU, o fato é que ao morarem sem a presença de familiares os universitários estão expostos a novos comportamentos, hábitos e valores, colocando o local de moradia durante a universidade como fator importante para a elaboração da trajetória de ascensão social.

Morar aqui no minhocão¹¹ é bom, pois estamos ao lado da PUC. Tudo bem que são 30m² para seis rapazes, mas é melhor do que as horas de trem e metrô. O problema é ficar longe da família. Se aos finais de semana não tem os estudos, o que é difícil tem as confraternizações e tudo aqui que envolve a vida universitária, principalmente na zona sul (Jorge, 24 anos, aluno de História da PUC-Rio).

Os estudos de Velho (2002) sobre o bairro de Copacabana na década de 1970 já haviam apontado para a moradia como um fator de distinção social importante no Brasil, e em especial Rio de Janeiro. O prestígio e status em morar em um bairro da zona sul está

¹¹ Com o nome de Conjunto Habitacional Marquês de São Vicente, apelidado de “Minhocão”, o prédio com 308 apartamentos foi construído para abrigar os moradores por Parque Proletário da Gávea e também para os que tiveram suas casas desapropriadas para a construção da autoestrada Lagoa-Barra na década de 1970. Fica ao lado da PUC-Rio.

relacionado as categorias hierarquizantes que utilizam os bairros como um sistema de classificação para seus moradores. Por este motivo, dentro dos projetos ascensionais, ir morar na zona sul tem um impacto subjetivo enorme na ideia de que ascensão social está sendo efetivamente obtida. Seria como adentrar em espaços urbanos reservados a indivíduos das classes sociais superiores. A pesquisa de Wiese (2004) também apontou a migração da nova classe média negra norte-americana, que tem entre outras características o ingresso na universidade, para os subúrbios das cidades.

Neste sentido, Bourdieu (2007) havia mostrado como as classes trabalhadoras distribuem seu tempo diário, oscilando apenas entre o trabalho, a casa e o percurso entre estas atividades. Suas atividades de lazer dizem respeito ao descanso, a conversas e passeios. Essa lógica redesenhou a cidade do Rio de Janeiro, principalmente a partir das reformas do prefeito Pereira Passos no início do século XX. Apesar disso, a partir da década de 1980 as áreas de lazer da cidade começaram a serem distribuídas de forma ainda mais desigual, onde o centro e a zona sul concentravam quase todas as atividades de cultura e lazer e as demais áreas, sob o nome genérico de subúrbio (Fernandes, 2011), não tiveram novos investimentos sociais. Esta divisão coloca “a cidade como local de festa e lazer e o subúrbio essencialmente com local de sofrimento e tragédia” (op. cit, p. 135).

Neste sentido, os jovens afro-americanos após o período de alguns anos vivendo no campus universitário têm em algum momento após a formatura de tomar uma importante decisão: voltar a residir nos centros urbanos, em locais similares ou próximos a seus familiares e amigos ou ir para os subúrbios, onde reside cada vez mais a emergente classe média norte-americana. O fenômeno conhecido como *African American Suburbanization* opera, segundo Wiese (2004), dois cruéis movimentos: o esquecimento dos negros para com seus antigos vizinhos negros e o esquecimento dos brancos para com seus novos vizinhos negros. Os estudos de West (2001) apontam como o fator raça determina a integração ou segregação nos subúrbios norte-americanos, e como isto está correlacionado com o sentimento de comunidade.

Pelo conteúdo das narrativas sobre os dilemas da moradia podemos extrair algumas interpretações sobre o papel deste processo nos projetos individuais e como essas esferas estão relacionadas com o englobamento e o individualismo. Ao afastarem-se dos pais para os estudos os universitários entram em maior contato com uma grande gama de ideologias nas quais o indivíduo aparece como figura principal. Residir longe dos pais

seja na zona sul do Rio de Janeiro ou nos subúrbios de classe média de Baltimore parece ser o investimento necessário no “eu” para a ascensão social, uma vez que essa mudança busca dar conta de um aumento substancial no capital cultural, proporcionado pela rede de bens e serviços disponíveis nestes locais, assim como no maior investimento na própria carreira profissional. O rompimento com a família de origem, através de infrequentes visitas a casa dos pais no subúrbio também foi relatado por Velho (2003) em entrevista com indivíduos da nova classe média que formava Copacabana na década de 1980.

III- Algumas considerações finais

O momento chave em seus projetos de ascensão social e sua adaptação à realidade do mercado de trabalho é o processo de ingresso dos estudantes na universidade, com seus desafios e sonhos. Este momento é apenas parte do desafio para a realização do sonho de obter um diploma de nível superior. As consequências de serem os primeiros em suas famílias a cursar uma faculdade se fazem mais presentes do que nunca neste momento. Adquirir o capital cultural necessário para uma vida acadêmica bem sucedida torna-se uma obrigação tão necessária quanto atingir boas notas, o que constrói uma jornada dupla de estudos. Por um lado, enfrentam as dificuldades inerentes a um curso de graduação, ao mesmo tempo que buscam aumentar seu capital cultural acadêmico.

O sucesso é uma categoria que apresenta duas dimensões bem distintas: a ascensão conquistada pode ser traduzida em termos de acumulação financeira, ou como prestígio, que está manifesto dentro do reconhecimento e honrarias dadas por seu grupo de origem. Segundo Velho (2008) a ascensão social impõe uma ideologia que enfatiza o indivíduo enquanto valor primordial, enquanto o prestígio está dentro de um modelo hierarquizante, onde a manutenção da coletividade aparece como valor central.

Os resultados destas negociações são bastante visíveis em duas grandes estratégias adotadas pelos estudantes. Por um lado os universitários que buscam a adaptação, ou seja, aceitam as “regras do jogo” social envolvido na ascensão e sentam à mesa para aprendê-las, ganhar e perder. Em sentido oposto, estão às estratégias de inadaptação, aqueles estudantes que não aceitam as “regras do jogo” e buscam virar a mesa e inventar outro jogo. Joel Rufino diz que esta “dialética adaptação-inadaptação apontam dois caminhos que opõe comumente a comunidade negra e o movimento negro” (Santos,

2015, p.30-31). Para o autor, a população negra em geral busca o caminho da adaptação, enquanto os intelectuais militantes preferem a inadaptação.

É importante ressaltar que todos os sete aspectos tratados nessa comunicação – a seleção familiar, a identificação do talento e das aptidões pessoais, a iniciação na carreira moral, o processo de escolarização, a formação dos gostos e preferências, a inserção na cidadania cosmopolita e finalmente a carreira profissional – provavelmente podem ser encontrados em trajetórias de ascensão social de indivíduos provenientes das camadas populares. A especificidade deste trânsito entre os afrodescendentes no Brasil e nos Estados Unidos é exatamente o peso que o pertencimento racial confere aos projetos ascensionais. Acompanhando os acontecimentos singulares presentes na vida dos indivíduos aqui estudados podem ser identificadas similaridades com o que foi apontado por outras investigações realizadas no mesmo país, como por exemplo, com os estudos de Guimarães (2013), Valentim (2012), (Barreto, 2006) e Salvador (2001). Nesta correlação pode-se perceber uma grande semelhança entre as trajetórias de vida dos estudantes e os projetos coletivos e individuais. Foi realmente uma surpresa encontrar tamanha semelhança entre as vivências pessoais e desafios acadêmicos enfrentados pelos estudantes bolsistas na PUC-Rio e os cotistas na UERJ e UFBA. A mesma semelhança pode ser verificada entre os afro-americanos que foram entrevistados na MSU e a seus colegas que estudam na *Howard University* em Washington D.C, na *CoppinStateUniversity* em Baltimore e na *MedgarEversCollege* no Brooklyn, NYC, para citar apenas três universidades negras que foram visitadas e nas quais foi possível manter com alunos e professores durante o período de doutorado sanduíche nos Estados Unidos. Neste contexto foi possível perceber um grande número de semelhanças entre os desafios enfrentados pelos universitários, principalmente entre os estudantes norte-americanos que compõe a primeira geração de bacharéis na família.

Ao relacionarmos cada grupo com as formas sincrônicas de suas culturas percebemos enormes similaridades entre os projetos coletivos e individuais adotados por estudantes universitários que compartilham uma posição marginal em relação aos universitários estabelecidos na cultura acadêmica norte-americana. Ao compará-los de maneira equipolente entre ambas as culturas – brasileira e norte-americana – podemos elencar também semelhanças e diferenças que são primordiais para o estudo comparativo. A ideia de comunidade racialmente ou socialmente orientada estabelece uma primeira diferença. Antes dos indivíduos receberem qualquer classificação baseada

em sua classe econômica nos Estados Unidos já são classificados racialmente – negros ou brancos ou latinos etc (MintzandPrice, 1992). A predominância da classificação racial como primeiro dispositivo segregador e organizador social tem um papel fundamental na cultura norte-americana. No Brasil a chamada insegurança classificatória (DaMatta, 1997), marcada pelo processo de preterição (Nogueira, 1985) abrem a possibilidade de que primeiro seja observado a classe social do indivíduo e apenas depois sua raça, podendo-se até embranquecer ao enriquecer (D'Ávila, 2005). Este quadro admite um certo *passing* através da ascensão social, tornando extremamente porosa a comunidade negra no Brasil.

Através da dialética adaptação-inadaptação (Santos, 2015) temos dois caminhos opostos. Podemos observar durante as narrativas duas maneiras de olhar o passado e seu grupo social de origem. Ou como algo a ser corrigido ou superado, ou como algo a ser reverenciado e restaurado. Para aqueles estudantes que se encontram mais impregnados pela ideologia individualista a trajetória de vida antes do curso universitário é entendida como obsoleta e deve ser transcendida através do esforço pessoal para um novo patamar, ligado a uma perspectiva mais cosmopolita, onde a noção de carreira modifica a relação com o trabalho e o dinheiro¹². Esta postura foi a majoritariamente adotada pelos estudantes norte-americanos e em menor grau pelos estudantes brasileiros.

Apesar da hegemonia do individualismo nas sociedades modernas (Dumont, 1985), autores como DaMatta (1997) e Duarte (2006) tem enfatizado o caráter hierárquico (não-individualista) da visão de mundo presente no Brasil, principalmente entre as classes populares¹³. Para a maioria absoluta dos estudantes brasileiros entrevistados parece existir a possibilidade de experienciar a autoafirmação e aproximar-se ao mesmo tempo do englobamento. Nesta situação, o status adquirido pelo indivíduo é absorvido por seu grupo de origem e suas conquistas pessoais passam a serem emblemas de prestígio para sua família. Depois de concluir sua graduação o indivíduo será “o diplomado” do grupo e isso demonstraria que foi a dinâmica interna do grupo que possibilitou o surgimento de uma profissional de nível superior entre os seus membros. Neste sentido, a autoafirmação situacional motivada pelas conquistas individuais rapidamente passam a serem englobada pelo grupo de origem.

¹²“Trajetórias de mudanças como estas são comumente encontradas em “processos de individualização em que a biografia de uma pessoa é destacada de sua família e lugar de origem” (Velho, 2008, p. 111).

¹³ “Nos universos que pesquisei, os projetos de permanecer aparecem fortemente associados a um conjunto de símbolos ligados à família e, muitas vezes, à religião católica” (Velho, 2008, p. 111).

Referências bibliográficas

BARRETO, P.C.S. Apoio à permanência de estudantes de escolas públicas e negros em universidades públicas brasileiras: as experiências dos projetos Tutoria e Brasil AfroAtitude na UFBA. Salvador, 2006.

BILLINGS, D. B., NORMAN, G., LEDFORD, K. (org.). *Confronting Appalachian Stereotypes: Back Talk from an American Region*. 6Univ Prof Kentucky; FirstEditionedition, 1999.

BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Zouk: EDUSP, 2007.

BOURDIEU, P. Les rites comme actes d'institution. In : Actes de la recherche en sciences sociales. Vol.43, juin 1982. Rites et fétiches. pp.58-63.

BOURDIEU, P. Cultural reproduction and social reproduction. In J. Karabel& A. H. Halsey (Eds.). *Power and ideology in education* (pp. 487-511). New York, NY: Oxford University Press, 1977.

CABRERA, N. L. & PADILLA, D. Entering and succeeding in the 'culture of college': The story of two Mexican heritage students. *HispanicJournalofBehavioralSciences*, 26, 152-170, 2004.

D'ÁVILA, J. *Diploma de brancura*. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DAMATTA, R. *O que faz o brasil, Brasil ?* 11. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DAMATTA, R. *Relativizando: uma introdução a antropologia social*. 4. ed Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

DAVIS, J. *The First-Generation Student Experience. Implications for campus practice, and strategies for improving persistence and success*. Stylus Publishing, 2010.

DEWS, C. L. *This Fine Place So Far from Home: Voices of Academics from the Working Class*. TempleUniversity Press, 1995.

DUARTE, L. F. D. Ethos privado e modernidade: o desafio das religiões entre o indivíduo, família e congregação. In: DUARTE, L. F. et al. (Orgs.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2006.

DUMONT, L. *O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

ELIAS, N; SCOTSON, J. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2000.

FANON, F. Black skin, white masks. New York: Grove Press, 1967.

FERNANDES, N. da N. O rapto ideológico da categoria subúrbio. Rio de Janeiro 1858-1945. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

GIACOMINI, S.M. A alma da festa: família, etnicidade e projetos num clube social da Zona Norte do Rio de Janeiro, o Renascença Clube. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro:IUPERJ, 2006.

GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar 1980.

GOFFMAN, E. Rituais de interação. 10. ed. Petrópolis, RJ Vozes, 2002.

GUIMARÃES, R. da S. A dimensão afirmativa das ações: uma articulação possível entre igualdade de oportunidades e valorização social. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2001.

HAND, C. & PAYNE, E. M. First-generation college students: A study of Appalachian student success. Journal of Developmental Education, 32 (I), 4-15, 2008.

KANE, T. J. The price of admission. Rethinking how American pay for College. Brookings Institution's Press, 1999.

LABOV, W. Language in the inner city: Studies in the Black English vernacular. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

MAUSS, M. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac&Naify, 2003.

MORRIS, M. W. Black Stats. African American by the numbers in the twenty-first century. The New York Press, 2014.

MINTZ, S. W., PRICE, R. The birth of African-American Culture. An Anthropological Perspective. Beacon Press Boston, 1992.

NOGUEIRA, O. Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais. São Paulo: Queroz, 1985.

QUINCEY, D. L. A critical ethnography of the Hmong experience in the Upward Bound Program. DAI-A 74/05(E), 2013.

RAMPTON, B. Crossing: Language and ethnicity among adolescents. London and New York: Longman, 1995.

REAY, D., CROZIER, G., & CLAYTON, J. Strangers in paradise? Working-class students in elite universities. Sociology, 43(6), 1103-1121, 2009.

SALVADOR, A. C. Ação afirmativa na PUC-Rio: inserção de alunos pobres e negros. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2011.

SANTOS, J. R. Saber do Negro. 1º ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

SANTOS, M. O espaço do cidadão. 7º edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SCHUTZ, A. Fenomenologia e relações sociais: coletânea de textos de Alfred Schutz. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

SIMMEL, G. Psicologia dinheiro e outros ensaios. Tradução de Arthur Morão. Lisboa: Texto e Grafia, 2009.

SMITHERMAN, G. Black Talk: Words and phrases from the hood to the amen corner. Boston, MA: Blackwell, 2000.

STEVENSON, B. A. & FRIEDMAN, R. E. Deliberate Indifference: Judicial Tolerance of Racial Bias in Criminal Justice, 51 Wash. & Lee L. Rev. 509, 520, 523, 1994.

VALENTIM, D. F. D. Ex-alunos negros cotistas da UERJ. Os desacreditados e o sucesso acadêmico. Quartet Editora, 2012.

VAN GENNEP. Ritos de Passagem. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

VELHO, G. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

VELHO, G. Projeto e metamorfose: Antropologia das sociedades complexas Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.

WIESE, A. Places of Their Own: African American Suburbanization in the Twentieth Century. Series: HistoricalStudiesofUrbanAmerica, 2004.